

Um breve olhar sobre os modelos feminino e masculino em 'Parzival' de Wolfram von Eschenbach.

Profª. Ms. Daniele Gallindo Gonçalves e Souza

Doutoranda em Deutsche Philologie des Mittelalters
Otto-Friedrich-Universität Bamberg
Bolsista do DAAD
danigallindo@yahoo.de

Resumo

Século XIII, Sacro Império Romano-Germânico, nas cortes floresce a Épica Cortês, gênero que tem como berço a França. Embora negue que a obra francesa de Chrétien de Troyes seja a originária, Wolfram von Eschenbach escreve seu Parzival à moda das épicos já em voga. Tendo como base teórica a análise de gênero, o presente ensaio aborda os modelos feminino e masculino apresentados pelo Minnesänger em sua obra.

Palavras-chave: Estudos de Gênero, Épica Cortês, Parzival

Abstract

Thirteenth Century, the Holy Roman-Germanic Empire, in the princely courts of that time flourishes a gender that has its birthplace in France: the Courtly Epic. Although denying that the French work of Chrétien de Troyes is the actual origin of such gender, Wolfram von Eschenbach writes his Parzival in the same epic fashion. Having gender analysis as its theoretical base, this essay approaches the male and female models presented by the Minnesänger in his work.

Keywords: Gender Studies, Courtly Epic, Parzival

“A beleza de muitas mulheres é celebrada por toda a parte. Se o coração é meramente falso, então louvo-a assim como se eu engastasse um pedacinho de vidro de ouro, para louvar quem fosse culpado. Não é uma coisa fácil, assim eu penso, quando se engasta em fraco latão o nobre rubi, e todos os milagres que ele tem eu o comparo à alma de uma mulher correta. Uma, que viva sua existência feminina na medida certa, das quais as cores e o revestimento de seu coração, que se vê, não quero provar. Quando somente puder deixar ver o interior em seu peito, então seu valor e sua honra ficarão imaculadas.” (*Parzival*, 3, 11-24)¹

Em seu prólogo, Wolfram já indicia o modelo ideal do feminino por ele prezado. De seu público, espera que as mulheres ouçam os seus conselhos: “*Também para as mulheres eu delimito o caminho*” (*Parzival*, 2, 25)² e que Deus proteja as que permanecerem no bem: “*Diante de Deus peço que as boas mulheres desejem tomar modéstia em seu séqüito*” (*Parzival*, 3, 3-4)³. Já das figuras femininas em sua obra, Eschenbach as constrói dentro dos mais altos valores do ideário cortês: 1) fiéis e constantes (“*Pertence à essência do ser feminino, na ordem do mundo - e pertenceu desde sempre, – a lealdade*” – *Parzival*, 116, 13-14)⁴ e 2) castas, no sentido de puras (“*O coração desta dama não ficou nunca mais só, sempre teve nobre companhia: um costume feminino, que provém da tranqüilidade de uma alma pura*” – *Parzival*, 54, 24-26)⁵.

Wolfram assevera ainda em seu prólogo que sua narrativa não tratará apenas do masculino, mas também do feminino, não de qualquer homem ou mulher, mas daqueles que vivem na mais alta *triuwe* (*Parzival*, 4, 9-11). Isto não significa dizer que o *Minnesänger* de Eschenbach não sabia da existência de tipos opostos. Todavia, mulheres e homens que não mereçam seu apreço não o receberão, não importando quão belos sejam. Na construção de suas personagens estarão presentes tanto a beleza externa, corporal, quanto a interna, a da alma, sendo esta segunda a que mais lhe importará, pois será representada através das virtudes cortesãs (“*Contudo, este brilho apático, fugaz não pode durar constantemente: ele produz uma curta felicidade, inteiramente verdadeira.*” – *Parzival*, 1, 23-25)⁶.

Os papéis femininos delineados em *Parzival* não contradizem o *topos* verificado freqüentemente no *Minnesang* à mulher exaltada, mas vão além desta visão, na medida em que Wolfram demonstra respeito pela individualidade humana. Ao utilizar a expressão *ideals of flesh and blood* (ideais de carne e sangue) para definir a caracterização do feminino em *Parzival*, Marion Gibbs (1998: 13) estabelece uma proposta de relação de Wolfram com suas personagens. Em *Parzival*, a criação de um ideal feminino está intimamente relacionada ao “ser humano”, ou seja, ao real (físico), o que ratifica algumas falhas comportamentais ao longo da narrativa. No entanto, estas falhas não tiram o mérito destas personagens, apenas indiciam a complexidade do ser humano. O real não nega o ideal e vice-versa, os dois convivem lado a lado.

“Mulher para ele não é a figura convencional, freqüentemente irreal e costumeiramente passiva das canções dos *Minnesänger*, mas um ser humano que desempenha um papel na sociedade. Contudo, a feminilidade é um ideal para ele, e suas mulheres, com muito poucas exceções, são figuras idealizadas. Neste caso, entretanto, o real e o ideal não se contradizem, e em suas heroínas Wolfram atinge a perfeita combinação dos dois, que faz de suas mulheres figuras convincentes e ativas, que personificam ao mesmo tempo as virtudes que ele considera essencialmente delas.” (Gibbs 1967-1968, p.296-297)⁷

Antes de falarmos dos modelos feminino e masculino em *Parzival*, devemos fazer uma ressalva. A épica cortês em questão não dá, apenas, ciência das aventuras do caval(h)eiro Parzival. A obra acaba por se dividir em três histórias diferentes: uma pré-narrativa, que trata da linhagem de Parzival, ou seja, é a história de Gahmuret (Livros I e II) e duas outras narrativas, que se desenrolam paralelamente e que dão conta dos relatos aventureiros e amorosos dos caval(h)eiros Parzival (Livros III, IV, V, VI, IX, XV e VXI) e Gawain (Livros VII, VIII, X, XI, XII e XIII). Desta forma, poderíamos destacar modelos femininos e masculinos distintos para cada uma das três narrativas, mas que seguem, uns mais e outros menos, o modelo cortês. Optaremos, então, neste capítulo pelo modelo extraído do relato referente a Parzival, já que o referente a Gahmuret é o cerne de nossa pesquisa que será apresentada nos dois próximos capítulos.

Gibbs aponta Herzeloide, Sigune e Condwiramurs como as três personagens femininas centrais da épica, pois estas são as figuras que mais têm influência sob Parzival. Cada uma mantém uma relação pessoal de diferente origem com o *rîter*. A primeira delas, Herzeloide, é a mãe de Parzival e será tema da terceira seção do capítulo seguinte. Sigune é a personificação da *triuwe*, que é representada por “*aquela constante devoção que permanece além túmulo e é esta mesma uma manifestação do amor de Deus, da fé.*”⁸ e Condwiramurs, a esposa de Parzival, é o exemplo do puro amor (*minne*) e encarna o papel de esposa ideal, fiel e devota. A relação das três com o caval(h)eiro é tão íntima que elas afetam decisivamente seu destino.

Os três encontros de Parzival com Sigune (Livros III, V e IX) marcam diferentes estágios no desenvolvimento pessoal do caval(h)eiro. Em um primeiro momento, Parzival necessita da autoconscientização para que se reconheça como tal. Ao se apresentar à dama, o *rîter* afirma que em seu lar lhe chamam de *bom fiz, scher fiz, bêâ fiz* (*Parzival*, 140,6)⁹. Sigune, prontamente, reconhece-o e chama-o pelo nome: “*Realmente, tu te chamas Parzival.*”¹⁰, explicando a origem do nome dele: “*O nome é tão exatamente pelo meio*”¹¹, pois este era filho do grande amor de sua mãe, que morrera e deixara o coração da dama partido ao meio, e a origem do caval(h)eiro: linhagem, local de nascimento e posses (Cf: *Parzival*, 140). Assim se dá o primeiro encontro. Através da orientação de Sigune, Parzival é conduzido ao primeiro passo na busca pelo Graal.

Tanto no segundo quanto no terceiro encontro, Parzival não reconhece de imediato a prima. O segundo encontro leva o *rîter* a um estado de amargura e reflexão, pois Sigune o chama de maldito¹² e diz ser a vida deste amaldiçoada¹³. O motivo da revolta da dama para com o primo é que este, em visita ao castelo do Graal, postergara a pergunta que deveria ser dirigida a Anfortas, para libertar-lhe de seus sofrimentos, ou seja, renegara inconscientemente o legado que lhe fora concedido: de ser o escolhido do Graal. Mais uma vez, Sigune conscientiza Parzival sobre sua própria existência. O segundo passo fora dado para que a busca seja completada. Já no terceiro encontro, as virtudes mais elevadas que uma dama pode possuir são exaltadas na figura de Sigune: pia dedicação a Deus, virgindade, renúncia às felicidades do mundo, fidelidade e boa conselheira. Agora, Parzival, parecia estar pronto para se reconciliar com Deus. Sigune, então, aconselha-o que siga Cundire, a maga, que poderia estar rumando em direção a Munsalvaesche. Este terceiro encontro é também a última vez em que Parzival veria a prima viva. Sigune cumpre seu destino e pode encontrar seu amado, Schionatulander, na morte.

O modelo de caval(h)eiro ideal está representado na narrativa sob a figura de Parzival. Embora tenha nascido com todas as características necessárias a um

caval(h)eiro – força, destreza, beleza –, faltava-lhe ainda a *zûht*. Sob a orientação de Gurnamanz é que será iniciado na cavalaria. Ao ter conhecimento do código de conduta cortês, Parzival parte em busca de aventuras. Honrado, fiel, educado, cortês, valente... o herói vence várias disputas, justas e torneios, até que o caval(h)eiro liberta a cidade sitiada de Pelrapeire e se casa com a rainha Condwiramurs. Contudo, como um bom *rîter*, não poderia deixar de ampliar sua fama através de novas aventuras. Parte sem saber que sua senhora aguarda a chegada de seus dois filhos.

Durante anos, Parzival mantém sua dignidade enquanto caval(h)eiro, mas esquece de seu lado cristão. Este não é um modelo ideal, pois o bom caval(h)eiro também é um bom cristão. Desta maneira, o *rîter* conquista as glórias do mundo, mas não atinge a sua grande meta: o Graal. Parzival era o escolhido do Graal, porém para alcançá-lo deveria, além de ser um excelente caval(h)eiro, se reconciliar com Deus, o que só aconteceria após o encontro com o eremita Trevrizent, que lhe dá ciência de toda a história do Graal e sua linhagem sagrada e o faz, novamente, crer em Deus.

Um outro modelo do masculino pode ser encontrado na figura do eremita (Cf: *Parzival*, 452-502). Trevrizent, antes de se isolar do convívio social e viver em penitência, era um caval(h)eiro da corte do Graal. Após a queda de seu irmão Anfortas em pecado, devido ao impulso amoroso e à imposição do castigo divino (a ponta de uma lança ficou alojada em suas partes baixas), Trevrizent resolvera renunciar à sua carreira de caval(h)eiro e abster-se de carne, vinho, pão e tudo que contivesse sangue em prol do restabelecimento do irmão. O que torna este eremita um modelo é, além da cortesia, anteriormente expressa pela sua ilibada conduta na condição de caval(h)eiro, a sua capacidade de abnegação em relação ao irmão. Mais do que somente um modelo de caval(h)eiro cortês, Trevrizent é um modelo de cristão exemplar.

FONTES PRIMÁRIAS

- ESCHENBACH, Wolfram von. *Parsifal*. Tradução de A. R. Schmidt Patier. São Paulo: Antroposófica, 1995.
- _____. *Parzival – Mittelhochdeutsch/Neuhochdeutsch*. Stuttgart: Philipp Reclam, 2000. Band I – II.
- _____. *Parzival*. (Band I – I. Buch bis VII. Buch). Disponível em: <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/cpg339i> Capturado em 13 de dezembro de 2002.
- _____. *Parzival*. (Band II – VIII. Buch bis XV. Buch). Disponível em: <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/cpg339ii> Capturado em 13 de dezembro de 2002.
- _____. *Parzival – Texte und Übersetzung*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2003.

BIBLIOGRAFIA

- BRÜGGEN, E. Inszenierte Körperlichkeit. Formen höfischer Interaktion am Beispiel der Joflanze-Handlung in Wolframs Parzival. In: MÜLLER, J-D. (org.) *Aufführung und Schrift in Mittelalter und Früher Neuzeit*. Stuttgart: J. B. Metzler, 1996, pp. 205-221.
- BUMKE, J. Wahrnehmung und Erkenntnis im Parzival Wolframs von Eschenbach. In: *Text und Kultur: Mittelalterliche Literatur 1150-1450*. Stuttgart: J. B. Metzler, 2001, pp. 355-370.

- _____. *Wolfram von Eschenbach*. Weimar: J. B. Metzler, 2004.
- CLASSEN, A. Reading, Writing and Learning in Wolfram von Eschenbach's Parzival. In: HASTY, W. (org). *A Companion to Wolfram's Parzival*. Columbia: Camben House, 1998. pp.189-202.
- ERNST, U. Differentielle Leiblichkeit. Zur Körpersemantik im epischen Werk Wolframs von Eschenbach. In: *Wolfram-Studien XVII*. Berlin: Erich Schmidt, 2002. p.182-222.
- GIBBS, M.E. Ideals of Flesh and Blood: Woman Characters in Parzival. In: HASTY, W. (org.). *A Companion to Wolfram's Parzival*. Columbia: Camben House, 1998. pp.12-34.
- _____. *Wîplichez wîbes reht. A study of the women characters in the works of Wolfram von Eschenbach*. Pittsburg: Duquesne University Press, 1972.
- _____. The role of woman in Wolfram's Parzival. *German Life and Letters: a quarterly review*, XXI, 1967-1968, pp. 296-308.
- GREEN, D.H. Zu primären Rezeption von Wolframs von Eschenbach. In: *Studien zu Wolfram von Eschenbach*. Tübingen: Max Niemeyer, pp. 271-288.
- _____. Fiktionalität und weiße Flecken in Wolframs Parzival. In: *Wolfram-Studien XVII*. Berlin: Erich Schmidt, 2002, pp.30-45.
- HAHN, I. Parzivals Schönheit. Zum Problem des Erkennens und Verkennens im Parzival. In: *Verbum et Signum*. 2.Band, 1975, pp.203-232.
- HAUG, W. Das literaturtheoretische Konzept Wolframs von Eschenbach. Eine neue Lektüre des Parzival-Prologs. *Beiträge zur Geschichte der deutschen Literatur*, 123, 2001, pp. 211-229.
- KINZEL, K. Die Frau in Wolframs Parzival. *Zeitschrift für deutsche Philologie*, 21, 1889, pp. 48-73.
- KOLB, H. Vielfalt der Kiusche. Eine bedeutungsgeschichtliche Studie zu Wolframs Parzival. *Verbum et Signum*, 2, 1975, pp.233-246.
- PARSCHALL, L.B. *The Art of Narration in Wolfram's Parzival and Albrecht's Jüngerer Titarel*. Londo: Cambridge, 1981.
- SCHRÖDER, W. Wolfram von Eschenbach. In: GRIMM, G.E. et MAX, F.R. (orgs.). *Deutsche Dichter: Leben und Werk deutschsprachiger Autoren*. Stuttgart: Philipp Reclam, 1989, Band I, pp.180-216.
- SPIEWOK, W. Wolframs von Eschenbach „Parzival“: Voraussetzungen, Aufsätze und Probleme einer Interpretation. *Zeitschrift für Germanistik*, 2 (5), 1985, pp.165-179.
- STACKMANN, K. Frauenlob und Wolfram von Eschenbach. In: *Studien zu Wolfram von Eschenbach*. Tübingen: Max Niemeyer, pp. 75-84.
- STEIN, A.K. "wort unde werc": *Studien zum narrativen Diskurs im "Parzival" Wolframs von Eschenbach*. Frankfurt am Main; Berlin; Bern; New York; Paris; Wien: Peter Lang, 1993.
- WEHRLI, M. Diu Mensheit hât wilden Art. Zum Thema der Humanität Wolframs von Eschenbach. *Verbum et Signum*, 2, 1975, pp.189-201.
- WILLSON, H.B. The Symbolism of Belakane and Feirefiz in Wolfram's Parzival. *German Life and Letters: a quarterly review*, XII, 1959-1960, pp.94-105.

NOTAS

¹ „manec wîbes schoene na lobe ist breit:/ ist dâ daz herze conterfeit,/ die lobe ich als ich solde/ daz safer ime golde/ ich enhân daz niht für lîhtiu dinc./ swer in den kranken messinc/ verwurket edeln rubîn/ und al die âventiure sîn/ (dem glîche ich rehten wîbes muot)/ diu ir wîpheit rehte tuot,/ dane sol ich varwe

prüeven niht,/ noch ir herzen dach, daz man siht./ ist si inrehalp der brust bewart, / so ist werden prîs dâ niht verschart.“ (*Parzival*, 3, 11-24)

² „für diu wîp stôze ich disiu zil,“ (*Parzival*, 2, 25)

³ „vor gote ich guoten wîben biete,/ daz in rehtiu mâze volge mitte“ (*Parzival*, 3, 3-4)

⁴ „wîpheit, dîn ordenlîcher site,/ dem vert und fuor ie triwe mite“ (*Parzival*, 116, 13-14)

⁵ „der frouwe herz nie vergaz,/ im enfüere ein werdiu volge mite,/ an rehter kiusche wîplich site“ (*Parzival*, 54, 24-26)

⁶ „doch mac mit staete niht gesîn/ dirre trûbe lîhte schîn:/ er machet kurze fröude alwâr“ (*Parzival*, 1, 23-25)

⁷ “Woman for him is not the conventional, often shadowy and usually passive figure of the songs of the *Minnesänger*, but a human being who fulfils a role in society. Nevertheless, womanhood *is* an ideal for him, and his women, with very few exceptions, are idealized figures. In this case, however, the real and the ideal do not contradict one another, and in his heroines Wolfram achieves a perfect blending of the two, which makes his women convincing, active figures, who at the same time personify the virtues which he considers essentially theirs.” (Gibbs 1967-1968: 296-297).

⁸ “..., that steadfast devotion wich endures beyond the grave and is itself a manifestation of the love of God, of faith.” (Gibbs *Op. cit.*: 302).

⁹ Expressão oriunda do provençal que significa bom filho, querido filho, belo filho.

¹⁰ „deiswâr du heizest Parzival.“ (*Parzival*, 140, 16)

¹¹ „der nam ist rehte enmitten durch“ (*Parzival*, 140, 17)

¹² „verfluochet man“ (*Parzival*, 255, 13)

¹³ „gunêrter lîp“ (*Parzival*, 255, 13)